

EDITORIAL INAUGURAL

Revista **Cultura histórica & Patrimônio***História – Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)*

Observou Antonio Celso Ferreira, em ensaio intitulado “O historiador sem tempo”¹, a condição paradoxal do profissional de História nestes dias em que vivemos: tendo seu ofício caracterizado, entre outros aspectos, pelo manejo e compreensão do “tempo”, ele, historiador, dispõe de cada vez menos “tempo” para suas reflexões. Sua posição em relação ao tempo atual, pode-se inferir a partir do texto de Ferreira, o obriga a refletir acerca das imposições à profissão, entre elas a transformação das suas análises em produtos ou a inscrição de seu lugar social (diria Michel de Certeau) conflituoso e limitado, a despeito da ampliação da inserção da história nas sociedades. Indo além das considerações de Ferreira, podemos verificar que o historiador confronta-se, ao enunciar suas interpretações, com outros discursos em busca de legitimidade, tais como leituras da história veiculadas por romances, filmes, revistas, entre outros objetos de cultura. Nem sempre, ao deparar-se com esse cenário de produtivismo acadêmico e de proliferação de leituras sobre a história, o historiador consegue sair ileso da batalha ou, pior, muitas vezes não sabe como deve combater.

Não é mais possível aos historiadores, enfim, ignorar a condição social de suas interpretações na contemporaneidade, ou seja, é preciso ter clareza de que a historiografia não mantém, em relação aos demais componentes da cultura histórica, a posição de destaque e eventual hegemonia que outrora alcançou. Cabe aqui precisar, tomando de empréstimo a formulação de Elio Chaves Flores, o que se entende por cultura histórica:

Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que

¹ FERREIRA, Antonio Celso. O historiador sem tempo. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e seu tempo: encontros com a história*. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008. p. 11-25.

disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais.²

Nesse sentido, interpretar a cultura histórica é buscar a melhor compreensão acerca dos cruzamentos, empréstimos, apropriações e recriações diretas ou indiretas da historiografia por parte dos outros saberes históricos existentes em uma dada sociedade. Essa é, hoje, uma área na qual os historiadores profissionais devem se envolver. Trata-se, pois, de pensar a respeito das imbricações entre a historiografia e a “história sem historiadores”, mas, também, de se questionar sobre as características da educação histórica, da inserção midiática dos historiadores, bem como discutir, necessariamente, a questão do patrimônio no Brasil.

Tendo em vista a situação e os problemas sumariamente mencionados, que estabelecem desafios e problemas aos cursos de formação da área de História no Brasil, o Colegiado do curso de graduação em História da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), considerando suas características e as especificidades da graduação que representa, decidiu constituir um periódico no qual sejam discutidas as particularidades do *métier d'historien* em nossa época. Dessa decisão resultou a criação da revista **Cultura histórica & Patrimônio**, apresentada neste momento à comunidade acadêmica.

Na revista **Cultura histórica & Patrimônio**, portanto, pretende-se publicar artigos originais, entrevistas e resenhas de livros da área de História, com o intuito de permitir, sobretudo, o debate a respeito da cultura histórica, da educação histórica e do patrimônio. Incumbe-se o periódico da missão de se configurar enquanto um espaço de reflexão acerca da significação e da ressignificação das continuidades e, principalmente, das rupturas constantes, localizadas não somente na historiografia, mas, também, nas instituições escolares não universitárias, nos meios de comunicação, nas artes, entre outros âmbitos. Espera-se que a revista possa contribuir significativamente para a ampliação e o aprofundamento das discussões na área de História, em Minas Gerais e no Brasil.

Alfenas, julho de 2012.

Os editores

² FLORES, Elio Chaves. Dos Feitos e dos Ditos: história e cultura histórica. *Saeculum* (UFPB), v. 16, 2007. p. 95.